

***EURICO, O PRESBÍTERO* NOS CURSOS DE LITERATURA DE CÔNEGO FERNANDES PINHEIRO E SOTERO DOS REIS: ENSINO DE LITERATURA, IDENTIDADE E MEMÓRIA CULTURAL**

EURICO, O PRESBÍTERO IN THE LITERATURE COURSES OF CANON FERNANDES PINHEIRO AND SOTERO DOS REIS: LITERATURE TEACHING, IDENTITY AND CULTURAL MEMORY

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2175-3180.v15i30p252-273>

Luís Fernando Portela ¹

RESUMO

Este artigo propõe uma leitura da exposição da obra *Eurico, o presbítero*, de Alexandre Herculano nas produções didáticas de história da literatura do Cônego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro (*Curso Elementar de Literatura Nacional*) e de Francisco Sotero dos Reis (*Curso de Literatura Portuguesa e Brasileira*). Pretende-se fazer uma análise crítica dessa produção historiográfica como espaço de constituição de memória cultural e afirmação da nacionalidade literária em constante tensão com a herança cultural portuguesa no cenário das letras brasileiras da segunda metade do século XIX. Para tanto, o foco no discurso a respeito do romance de Alexandre Herculano por esses autores pode se tornar capaz de revelar certos aspectos implícitos ou incongruentes do projeto de construção de uma identidade cultural nacional inspirada pelo romantismo: tanto na forma

ABSTRACT

This paper proposes a reading of the exhibition of the work Eurico, o presbítero, by Alexandre Herculano in the didactic productions of literature history by Canon Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro (Elementary Course of National Literature) and Francisco Sotero dos Reis (Course of Portuguese and Brazilian Literature). It is intended to make a critical analysis of this historiographical production as a space for the constitution of cultural memory and affirmation of literary nationality in constant tension with the Portuguese cultural heritage in the scenario of Brazilian literature in the second half of the 19th century. For this purpose, the focus on the discourse about Alexandre Herculano's novel by these authors may become capable of revealing certain implicit or incongruous aspects of the project for the construction of a national cultural identity inspired by romanticism:

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

de se representar essa obra contemporânea aos críticos, quanto em seu caráter histórico e épico como ponto de apoio para a distorção dessa representação e apropriação de seu conteúdo mítico. Uma vez que essas são produções de professores, voltadas especificamente para o ensino de literatura, busca-se traçar um panorama de sua inserção nesse âmbito, da consonância das propostas pedagógicas com a orientação crítica e historiográfica dos cursos, além de uma visada às suas estratégias de ensino. Esta análise será sustentada por pesquisas historiográficas a respeito da leitura, do livro didático e do ensino de literatura no Brasil do século XIX, em trabalhos como o de Regina Zilberman e Marisa Lajolo sobre a formação da leitura no país (1996), bem como por contribuições teóricas acerca da formação do cânone literário e da memória cultural, com atenção às produções de Antonio Candido (2000) e Aleida Assmann (2011), respectivamente..

PALAVRAS-CHAVE

Historiografia literária; Livro didático; Ensino de literatura; Memória cultural; *Eurico, o presbítero*.

in the way of representing this contemporary work to these critics, and in its historical and epic character as a point of support for the distortion of this representation and appropriation of its mythical content. These courses are productions of teachers, specifically aimed at teaching literature. These courses are productions of teachers, specifically aimed at teaching literature. Therefore, an attempt is made to draw an overview of the insertion of the courses in this context, as well as an understanding of the consonance of their pedagogical proposals with their critical and historiographical orientation, in addition to a view for their teaching strategies. This analysis will be supported by historiographic researches on reading, textbooks and literature teaching in the 19th century Brazil: works such as Regina Zilberman and Marisa Lajolo's production on the formation of reading in the country (1996). And also, by theoretical contributions about the formation of the literary canon and cultural memory, with attention to the productions of Antonio Candido (2000) and Aleida Assmann (2011), respectively.

KEYWORDS

Literary historiography; Textbook; Literature teaching; Cultural memory; Eurico, o presbítero.

A permanência, vigente até a atualidade, de obras da literatura portuguesa nos currículos escolares é uma questão dotada de historicidade e que está profundamente ligada, sob esse ponto de vista, não somente a uma tensão permanente de afirmação no campo das letras nacionais, como também a um processo cronologicamente extenso de constituição da identidade cultural do país. Chama a atenção, em especial, um tópico da recente BNCC (Base Nacional Comum Curricular) para a etapa do Ensino Médio, que parece apontar para esse aspecto da relação entre as literaturas nacionais, ao tratar das “habilidades” a serem desenvolvidas pelos alunos de Ensino Médio, dentro do “Campo Artístico-literário”, vinculado a Língua Portuguesa. Essa habilidade seria:

(EM13LP47) Analisar assimilações e rupturas no processo de constituição da literatura brasileira e ao longo de sua trajetória, por meio da leitura e análise de obras fundamentais do cânone ocidental, em especial da literatura portuguesa, para perceber a historicidade de matrizes e procedimentos estéticos (Brasil, 2018, p. 515).

Estão aqui propostos dois elementos a serem analisados, as *assimilações* e as *rupturas* no processo de constituição de nossa literatura, através de uma metodologia definida, de *leitura* e *análise* de outras obras literárias, com o fim específico de perceber a *historicidade de matrizes* e os *procedimentos estéticos*. São vários os pressupostos sobre os quais se fia essa habilidade que deverão desenvolver os alunos do Ensino Médio nessa etapa de sua formação. Pressupõe-se que a leitura de obras ditas “fundamentais” do cânone ocidental, se comparadas com produções da literatura brasileira, poderão revelar meandros de sua composição estética e origens de temas e formas dentro de uma perspectiva histórica. Ignorando-se a virtual impossibilidade de que tal exercício pedagógico seja praticado com frequência na atual configuração da educação nacional e o tempo de que dispõe um professor de literatura em sala de aula, bem como a disposição dos alunos para tais desafios de leitura, resta-nos a percepção de uma literatura brasileira que muito deve às demais e pouco tem a receber nessa transação de influências. O que nos leva a outro desses pressupostos: ao destacar “em especial a literatura portuguesa”, há de se compreender que é a esta que a brasileira seria mais devedora, em relação às demais, e é dela que haveria mais *assimilado* e da qual teria se *rompido*.

Sem ter a intenção de levar a cabo uma análise aprofundada da BNCC ou mesmo da exatidão das compreensões históricas e teóricas a respeito da literatura brasileira depreendidas da leitura de um de seus tópicos, essas considerações iniciais apresentam-se como um interessante gatilho para a proposta aqui desenvolvida. A partir desse marco temporal afixado na atualidade do ensino de literatura no Brasil, podemos pensar a representação da obra *Eurico, o presbítero*, de Alexandre Herculano no *Curso Elementar de Literatura Nacional*, do Cônego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, e no *Curso de Literatura Portuguesa e Brasileira*, de Francisco Sotero dos Reis, tendo como pano de fundo subjacente a essa análise o olhar crítico ao passado ancorado no presente. É interessante notar também, que mesmo sem associação direta evidente com a Base Curricular, fazer uma leitura dessas obras pedagógicas e históricas hoje impõe questionar-se sobre a consolidação da literatura brasileira e sobre os processos de *interassimilações* e ruptura(s) com a literatura portuguesa, muitas vezes recalçados no discurso daqueles que se propunham a desenvolver a crítica, a história ou o ensino da literatura.

As produções do Cônego Fernandes Pinheiro e de Sotero dos Reis estão inseridas em um contexto bastante particular tanto da historiografia, em especial a da literatura, quanto da educação brasileira. Publicadas entre 1862 (*Curso do Cônego Fernandes Pinheiro*) e 1873 (último volume, póstumo, do *Curso* de Sotero dos Reis), elas não são, naturalmente, as primeiras tentativas de escritos sobre a história literária do Brasil, mas certamente as primeiras a encampar esse projeto de forma mais sólida e abrangente. Em *Formação da Literatura Brasileira*, Antonio Candido expõe uma elucidativa sistematização dessas produções, situando os autores em questão em uma fase mais avançada da consolidação dessa área de exploração intelectual, que para ele se realizaria efetivamente, pela primeira vez, com a *História da Literatura Brasileira*, de Sílvio Romero, na década de 1880:

Visto hoje, esse esforço semi-secular aparece coerente na sucessão das etapas. Primeiro, o panorama geral, o “bosquejo” visando a traçar rapidamente o passado literário; ao lado dele, a antologia dos poucos textos disponíveis, o “florilégio”, ou “parnasos”. Em seguida, a concentração em cada autor, antes referido rapidamente no panorama: são as biografias literárias, reunidas em “galerias”, em “panteons”. Ao lado disso, um incremento de interesse pelos textos, que se desejam mais completos; são as edições, reedições, acompanhadas geralmente de notas explicativas e informação biográfica. Depois, a tentativa de elaborar a história, o livro documentado, construído sobre os elementos citados.

Na primeira etapa, são os esboços de Magalhães, Norberto, Pereira da Silva; as antologias de Januário, Pereira da Silva, Norberto-Adet, Varnhagen. Na segunda etapa, as biografias, em série ou isoladas de Pereira da Silva, Antônio Joaquim de Melo, Antônio Henriques Leal, Norberto; são as edições de Varnhagen, Norberto, Fernandes Pinheiro, Henriques Leal etc. Na terceira, os “cursos” de Fernandes Pinheiro e Sotero dos Reis, os fragmentos da história que Norberto não chegou a escrever (Candido, 2000, p. 311).

É possível ver, portanto, o lugar de destaque que essas duas obras encontram no início das produções historiográficas acerca da nossa literatura, como um passo adiante na consolidação desse projeto e seu primeiro ponto realmente estruturante, apesar de caracterizadas como “fragmentos da história”. Uma história propriamente dita ainda estaria por anunciar-se.

Uma vez que qualquer produção textual não está isenta de um posicionamento ou ideologia, as histórias da literatura também assim não seriam. Também o historiador da literatura impõe sua visão ao seu objeto de análise, seleciona autores e obras, textos e trechos que comporão seu painel demonstrativo do que seria o conjunto por ele analisado, e talvez com até maior impacto do que tais ações, silencia a respeito de inúmeras produções que não são para ele dignas de integrarem sua amostra do que é a literatura em questão ou mesmo de receber suas considerações¹. Escrever é posicionar-se e essa tomada de posição diz respeito ao que se enuncia e ao que se cala. Nesse sentido, apesar de parecer atraente traçar uma linha evolutiva da história literária, para bem localizar e situar propriamente aquelas que serão aqui revisitadas, é preciso levar em consideração aspectos relacionados às motivações e direcionamentos a que elas se submetem. João Ernesto Weber, com o interesse de detectar “as diferentes *nações* ou *literaturas nacionais* que as classes dominantes, ou segmentos dela, erigiram ao longo da história”, aponta sobre as historiografias literárias, em diferentes momentos de sua produção, a quem remetiam os discursos dos autores. Limitamo-nos a citar suas considerações a respeito daquelas que estão no foco de nossa análise, no século XIX:

Assim, a historiografia romântica surgia como expressão dos interesses dos cafeicultores do Vale do Paraíba, que concretizaram a independência política e comandaram o Estado monárquico; da mesma forma, era possível ler a *História da literatura brasileira* de Sílvio Romero como expressão das classes dominantes que, ao final do Império, se alçavam ao poder e criavam a República (Weber, 1996, p. 18).

Não é, por conseguinte, uma evolução linear de um mesmo projeto historiográfico ou de construção de uma identidade cultural. Há nesse processo mudanças de rumo que acompanham o desenrolar dos câmbios sociais, políticos e dos interesses das classes dominantes do país. Afinal de contas, traçar um panorama da literatura nacional, com um olhar que nunca será desinteressado, é também construir um acervo de referência para a formação de uma identidade cultural, em última instância, e não se pode pensar que a seleção do que irá ou não constar desse acervo, seja meramente proveniente de uma organização não voluntária ingênua.

¹ Em consonância com o que aponta João Ernesto Weber (1996).

Até aqui, abordamos brevemente a localização dos cursos do Cônego Fernandes Pinheiro e de Sotero dos Reis a partir da perspectiva historiográfica, buscando situá-los dentro do espectro das histórias literárias. Porém, a gênese dessas obras não é exatamente historiográfica no sentido de sua destinação: seu aspecto mais importante é seu direcionamento ao âmbito educacional, uma vez que, como seus títulos já sugerem, eram destinadas à formação de estudantes em instituições de ensino.

No trecho abaixo, do livro *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*², Aleida Assmann traça algumas considerações sobre a cultura, sua ancoragem na memória e processo pelo qual precisa passar para perpetuar-se:

Esse tipo de memória [memória cultural] não dá prosseguimento sozinha a si mesma, sempre precisa ser *renegociada, estabelecida e mediada* uma vez mais, *readquirida*. Indivíduos e culturas constroem suas memórias interativamente através da comunicação por meio da língua, de imagens e de *repetições ritualísticas*, e organizam suas memórias com o auxílio de *meios de armazenamento externos e práticas culturais*. Sem estes não é possível construir uma memória que transponha gerações e épocas – o que significa também que a constituição da memória se modifica juntamente com o estado oscilante de desenvolvimento dessas mídias (Assmann, 2011, p. 23-24, grifos nossos).

Um projeto de formação de identidade cultural nacional necessita de produção literária que o sustente, como um de seus pilares e também de escritos que compilem, analisem, sintetizem e organizem essa produção, esteticamente, cronologicamente, simbolicamente. É o espaço privilegiado em que essa memória cultural é “renegociada”, “estabelecida”, “mediada” e “readquirida” é por excelência a escola, com suas “repetições ritualísticas” e “práticas culturais”, geralmente mediadas

² Consideramos aqui memória cultural no sentido que lhe atribui Jan Assmann (2008, p. 44-45), em oposição às demais formas de memórias: “Por supuesto que también con ella se recuerdan muchas cosas, vale decir, se las transmite, se las aprende, se las enseña, se las investiga, se las interpreta, y se las practica, porque se precisa hacerlo, porque esas cosas nos pertenecen y nos sostienen y por ende debemos sostenerlas y perpetuarlas. Pero solo en las sociedades ágrafas u ‘orales’ coinciden el volumen de lo que se necesita y la totalidad de la memoria cultural. En las sociedades con escritura, el sentido que se transmite y se traspone a formas simbólicas crece hasta crear archivos gigantescos, de los que sólo algunas partes importantes – más o menos limitadas – de veras se necesitan, se ocupan, se cultivan, mientras que alrededor se acumulan áreas enteras de lo que ya no se precisa, que en última instancia equivalen a la extinción y el olvido total”.

por materiais de leitura de diferentes naturezas, em especial o livro didático, “meio de armazenamento externo”. O que ocorre no contexto em que produzem seus cursos o Cônego Fernandes Pinheiro e Sotero dos Reis é que está em jogo não somente a constituição de um projeto historiográfico definidor do Brasil, mas também a precária condição da educação nacional, seja do ponto de vista estrutural, seja do ponto de vista conceitual, entendido como metodologias de ensino e materiais didáticos.

Marisa Lajolo e Regina Zilberman apresentam em *A Formação da Leitura no Brasil* um quadro abrangente da educação no país, do Império à República, e apontam para a centralidade do livro didático nesse cenário de escolas pobres (estrutural, intelectualmente ou em ambos os sentidos) para a formação de um público leitor, ainda incipiente, considerando-se o baixíssimo alcance das instituições de ensino e o elevado índice de brasileiros que no período não tinham o mínimo acesso à escola. Em 1837 é fundado o Imperial Colégio de Pedro II, que seria o modelo para o ensino secundário em todo o país na metade final do século XIX, “transformado, legalmente e na prática, em padrão a ser seguido” (Lajolo; Zilberman, 1996, p. 138). Um caso excepcional de qualidade, pois no cenário geral o que mais frequentemente se podia verificar era a emergência de “um quadro negativo, onde predominam desinteresse, despreparo e autoritarismo por parte dos professores, falta de compenetração e indiferença por parte dos alunos, mau estado das instalações dos prédios e salas de aula” (Lajolo; Zilberman, 1996, p. 139), além da proliferação de pequenas escolas particulares que tinham um proprietário-professor (Lajolo; Zilberman, 1996, p. 140). A essas questões enfrentadas pela educação, soma-se ainda a carência de materiais didáticos, que eram importados como uma forma de suprir essa necessidade, fazendo do Brasil uma reserva de mercado para as editoras portuguesas (Lajolo; Zilberman, 1996, p. 183). Contudo, surge também daí uma, talvez não muito desinteressada, reivindicação de escritores locais por uma nacionalização do livro didático para a escola brasileira, na esteira do *antilusitanismo* (Lajolo; Zilberman, 1996, p. 183-184), que se poderia supor de dupla possibilidade de interesses: idealmente de espírito romântico nacionalista, na prática de interesse mercadológico, já que no mercado nacional “aparentemente, imperava material escolar português” (Lajolo; Zilberman, 1996, p. 184). Assim, se do outro lado do Atlântico estavam os autores portugueses,

Do outro lado, o de cá, estavam os brasileiros, que buscavam igualmente ocupar o mercado local com obras destinadas à escola, em nome da carência e inadequação do material existente, visível havia muito tempo. A denúncia vinha de longa data, repontando nas várias vezes que se ocupam do assunto, em pauta desde a Constituinte de 1823.

Integrando-se a esse coro de vozes e afinando sua melodia, os autores brasileiros da segunda metade do século XIX podiam respaldar na pedagogia e no nacionalismo, melhor ainda, numa *pedagogia nacionalista*, os argumentos que criavam e fortaleciam expectativas de um *produto didático autenticamente brasileiro*. Expectativas que eles próprios se incumbiam de satisfazer, ao fabricar a mercadoria cuja necessidade proclamavam (Lajolo; Zilberman, 1996, p. 194, grifos nossos).

É nesse contexto educacional que se inserem os cursos do Cônego Fernandes Pinheiro e de Sotero dos Reis. Suas concepções partem de um ponto em comum: a necessidade de material que servisse às aulas ministradas por eles, nesse ambiente de escassez de livros didáticos e de histórias literárias abrangentes que dessem conta da jovem literatura brasileira. Essas considerações se aplicam realmente a essas duas obras dos professores, porém o que fica em suspensão e pode ser contrariada é a ideia de que esses projetos precursores brasileiros de história literária estariam efetivamente imbuídos de uma “pedagogia nacionalista” ou teriam como fim criar um “produto didático autenticamente brasileiro”, com toda a carga nacionalista e *antilusitanista* de rompimento com a tradição cultural da antiga metrópole que tal tarefa suporia. Pode ser aí detectada antes uma forma alternativa de nacionalismo, uma postura que não busca romper com a cultura portuguesa, mas vê essa aproximação como algo positivo para o desenvolvimento cultural brasileiro. Uma relação um tanto ambígua com a ideia de um Brasil independente em sentido amplo, não somente político, mas também intelectual e culturalmente. Candido trata essa linha de pensamento como um fenômeno de contracorrente ao nacionalismo em voga em meados do século XIX, e aponta Álvares de Azevedo e o próprio Cônego Fernandes Pinheiro como exemplos de seus representantes:

É preciso agora, com efeito, mencionar este fenômeno de contracorrente; a opinião dos que negavam caráter distinto à nossa literatura, reputando-a, no todo ou na parte inicial, mero galho da portuguesa, sem com isso deixarem de ser nacionalistas a seu modo, isto é, vendo no seu enriquecimento uma forma de grandeza nacional.

É o caso de um jovem do maior talento, Álvares de Azevedo, e de um compassado canastrão, o cônego Fernandes Pinheiro. [...]

A opinião de Fernandes Pinheiro é mais justa e clara; não há literatura brasileira antes do Romantismo porque, até então, apesar de particularidades manifestas, os nossos autores nada exprimiam de diferente dos portugueses. [...] “formamos primeiro uma nação livre e soberana antes que nos emancipássemos do jugo intelectual; hasteamos o pendão auriverde, batizado pela vitória nos campos de Pirajá, muito tempo antes que deixassem de ser as nossas letras pupilas das ninfas do Tejo e do Mondego” (Candido, 2000, p. 304-305).

Para além da qualificação de Candido para a figura do cônego, “um compassado canastrão”, é interessante notar a desvinculação entre as independências político-administrativa e cultural do Brasil em relação a Portugal, evidente quando Candido passa a voz a Fernandes Pinheiro. Essa posição serve de baliza para justificar não somente o marco inicial da literatura brasileira com o romantismo, mas também para compor a ideia de uma literatura ainda em construção, buscando encontrar-se, porém sem identidade própria definida. E muito distante desse paradigma não pode ser pensado o *Curso* de Sotero dos Reis, que se sentia muito mais à vontade ao tratar da literatura portuguesa do século XVI, à qual dedica todo o segundo volume dentre os cinco dessa sua obra (sua preferência literária é Camões).

Os discursos que o Cônego Fernandes Pinheiro e Sotero dos Reis fazem de *Eurico, o presbítero*, de Alexandre Herculano, estão no centro dessa questão: uma obra tão vinculada à projeção de uma memória e identidade nacional portuguesa analisada por autores com um pensamento ambíguo em relação a essa literatura e a uma expressão literária própria do Brasil. Como seria considerado esse romance que trata de um momento germinal de tomada de consciência nacional, escrito numa chave romântica que quer falar muito sobre a contemporaneidade por meio do passado, em um contexto em que o próprio Brasil começa a construir-se? Engrossa esse caldo o fato de que, mesmo tendo sido escrita e publicada depois da independência político-administrativa do Brasil, a obra de Herculano seria ainda analisada de um ponto de vista da dependência cultural. Essas considerações podem lançar luz à permanência da literatura portuguesa e de autores como Herculano nos currículos escolares atuais, em um espaço canônico de fronteira nebulosa entre as literaturas portuguesa e brasileira.

EURICO NO CURSO ELEMENTAR DE LITERATURA NACIONAL, DO CÔNEGO JOAQUIM CAETANO FERNANDES PINHEIRO

Do ponto de vista de sua produção, o *Curso* do Cônego Fernandes Pinheiro, publicado em 1862, está voltado para suprir uma carência do ensino secundário oficial, que tinha como espaço o Colégio Pedro II. Ele preenchia uma lacuna que se formara com a inclusão de história da literatura portuguesa e nacional no programa de ensino da instituição em 1858. Fernandes Pinheiro assumira a disciplina de Retórica e Poética em substituição a Francisco de Paula Menezes, falecido em 1857³. A atual exigência curricular vem acompanhada de um novo professor e demanda também um novo material didático, que não pode ser entendido exatamente como um livro de lições sobre a literatura brasileira. O termo “nacional” em seu título deve ser compreendido em sentido mais amplo, pois abarca as literaturas portuguesa e brasileira. Ana A. Arguelho de Souza comenta a respeito da publicação:

O *Curso Elementar de Literatura Nacional* não trata propriamente da literatura, mas de uma história da literatura intrinsecamente ligada à história de Portugal. Segmentado em épocas, o manual percorre a trajetória de Portugal, por via da igreja e da nobreza, primeiramente, e depois, do nacionalismo português. Assim, o *Curso Elementar...* constrói uma história literária muito mais portuguesa do que brasileira, aparecendo esta apenas no último capítulo com o título “Escola Romântica Brasileira”, o que é compreensível nas circunstâncias do Brasil como império português (Souza, 2013, p. 23).

Essa produção a respeito da “literatura nacional”, reserva apenas as 30 páginas finais aproximadamente, de suas 565, para tratar da literatura brasileira propriamente dita, sob o título de “Escola romântica brasileira”, algo que está em acordo com a opinião de seu autor, apresentada por Candido, de que a literatura brasileira se inicia com o Romantismo, pois antes não haveria distinção entre as produções de Brasil e Portugal, já que seriam ambos um só país. Eis a justificativa para essa amplitude do termo “nacional”, mesmo nessas condições. Com essa moldura, vejamos de que modo Fernandes Pinheiro comenta a obra de Herculano, e especificamente *Eurico, o presbítero*.

³ Dados conforme Razzini (2000).

A já mencionada “Lição XLIII - Escola romantica brasileira”⁴, está inserida na etapa da história da literatura definida pelo autor como a “Sexta Epocha”, que se inicia no ano de 1826 e estaria ainda em andamento quando da produção do *Curso*. Essa época seria constituída pela literatura Romântica, à qual caberia, além da lição anteriormente citada, a de número XLII, que abre essa seção e é referente à “Escola romantica portugueza”. Nesse ponto das lições de Fernandes Pinheiro, segundo a análise de Souza, “a discussão vai incidir diretamente na literatura, tentando apreender o movimento mais amplo que ocorre em toda a Europa, assinalando a existência de uma burguesia já madura” (Souza, 2013, p. 24), e é destinado à obra de Herculano o espaço de aproximadamente duas páginas, depois de falar não muito mais do que isso a respeito de Almeida Garrett, a quem caracteriza como o “protagonista da escola romantica portugueza” (Pinheiro, 1862, p. 524). Cabe a Herculano, portanto, o posto de segundo autor mais aclamado nessa hierarquia, uma vez que os nomes citados depois dele são abertamente definidos como inferiores.

O autor é apresentado com uma espécie de charada, pois Fernandes Pinheiro começa a descrevê-lo, em seu posto de “primeiro discipulo d’essa escola”, sem mencionar seu nome, com as seguintes palavras: “um d’esses paladinos que com a espingarda ao hombro e penna na mão, nos campos das batalhas e nas pugnas da imprensa defendiam a causa da liberdade contra o despotismo, e rasgavam as nuvens da ignorancia para deixar luzir o sol da inteligencia”. E emenda: “Ter-nos-ha por certo prevenido o leitor pronunciado antes de nós o nome do Sr. Alexandre Herculano” (Pinheiro, 1862, p. 525). O que faria supor que a expectativa, tanto do crítico em relação a seus leitores, como do professor quanto a seus alunos, seria de que eles já tivessem uma noção ao menos levemente apurada de quem seria Alexandre Herculano e de sua atuação em diferentes frentes, no campo intelectual, na imprensa, em revoltas liberais, e estivessem a par de seu alinhamento político, que não deixa de ser exaltado aqui pelo cônego, que voltará a entrar muito brevemente em reminiscências biográficas do autor. Parece uma forma um tanto lacônica e enigmática de expressão para uma escrita que tinha por fim um intuito pedagógico.

⁴ Cabe ressaltar que optamos por uma transcrição de trechos citados das obras de Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro e de Francisco Sotero dos Reis de acordo com a grafia da língua portuguesa adotada pelas edições consultadas.

Usamos de propósito aqui da palavra *cinzelar*. É que o estylo do Sr. Alexandre Herculano não possui os toques maviosos, o colorido vaporoso e ligeiro, o traço elegante e fugitivo do pincel: grava-se e entranha-se na pedra; sente-se gemer, partindo em lascas a superfície dura e rebelde do marmore, ou do granito, figura-se-nos o imutavel e poderosamente indistructivel da estatuaria e architectura, é como os *baixos relevos* dos edificios antigos que adquirem côr tsnada que lhe imprime o tempo, sopro dos seculos que entristece e ao mesmo tempo sanctifica a face dos monumentos (Mendonça apud Pinheiro, 1862, p. 526).

É preciso dar razão ao cônego, quando prefere deixar essa análise por conta de outro crítico. O seu texto até esse ponto não parece indicar que ele pudesse alcançar melhor resultado. De qualquer modo, vale ressaltar positivamente o fato de não ter escondido a sua fonte, mediadora de seu pensamento sobre o romance. Cita ainda outras obras de Herculano e conclui seu discurso sobre o autor louvando sua produção historiográfica. Volta à ideia do monumento e arrisca aumentar a escala de comparação: “*A História de Portugal e a da Inquisição* alçaram ao Sr. Alexandre Herculano um moimento mais perduravel do que as pyramides do Egypto” (Pinheiro, 1862, p. 527).

EURICO NO CURSO DE LITERATURA PORTUGUESA E BRASILEIRA, DE FRANCISCO SOTERO DOS REIS

A obra de Sotero dos Reis foi composta em São Luís do Maranhão e publicada em cinco volumes entre os anos de 1866 e 1873 (sendo o último volume publicação póstuma). Surgira como uma compilação das aulas proferidas pelo autor na disciplina de Literatura do Instituto de Humanidades, instituição privada de prestígio na capital maranhense, em que Sotero ingressara no ano de 1861 a convite do diretor e proprietário Pedro Nunes Leal, que seria também um incentivador da publicação dessas “lições”. A própria necessidade da escrita de textos didáticos que seriam proferidos em aula e sua posterior reunião em livros destinados à mesma finalidade pedagógica é mais uma amostra da escassez de materiais didáticos como uma tônica da educação brasileira no período. Além de que a própria aplicação que teria essa obra de Sotero dos Reis, como livro didático para a cadeira de literatura portuguesa e brasileira daquele instituto específico, foi um dos fatores que limitou sua circulação, assim como a influência do local de produção, ainda que São Luís vivesse

seu momento de “Athenas Brasileira”, consolidado ao longo do século XIX por sua cena cultural e intelectual forte⁵.

Apesar das considerações iniciais que possam ser feitas quanto à abrangência momentânea da obra, em relação a sua origem periférica ou a sua circulação restrita, não podem deixar de ser considerados os méritos intrínsecos a sua produção. Candido a coloca em patamar de qualidade superior ao *Curso* de Fernandes Pinheiro e, apesar de não exacerbar sua relevância, a define como “o mais considerável empreendimento no gênero, antes de Sílvio Romero” (Candido, 2000, p. 315). Por essa medida de comparação, pode-se compreender a importância da análise dessas duas obras por duas diferentes perspectivas, apesar de ambas compartilharem essas instâncias de relevância em diferentes graus: a de Fernandes Pinheiro se destaca mais pelo contexto de produção e capacidade de influência imediata, enquanto que a de Sotero dos Reis pelos méritos intelectuais de sua produção.

Quanto ao método adotado pelo autor, recorreremos ainda a Candido para sua delimitação:

uma crítica ou melhor, um ensino de literatura (é o seu caso) que procede pelo conhecimento dos fatos literários historicamente ordenados, mais a análise apreciativa dos textos, os grandes modelos que fazem sentir o que é a obra e caracterizam a ‘crítica experimental’ de Lafayette. Esta combinação de história e exegese deriva da sua adesão aos críticos iniciais do Romantismo [...] (Candido, 2000, p. 315).

Esses “críticos iniciais do Romantismo”, apontados por Candido, são nomeados pelo próprio Sotero na “Licção I” do primeiro volume de seu *Curso*: Abel-François Villemain, entre os franceses e Hugh Blair entre os ingleses (Reis, 1866, p. 6-7). Quanto ao seu desempenho em cumprir esse projeto, Candido aponta para sua melhor forma no segundo volume do *Curso*, quando Sotero trata da literatura portuguesa do século XVI, fala a respeito da obra de Camões, João de Barros e Antônio Ferreira, e considera o resultado final mediano e de pouca originalidade (Candido, 2000, p. 316). Reconhece, contudo, os méritos da obra em meio às limitações do contexto em que o autor estava inserido: “formado inteiramente na tradição clássica, autor de um compêndio de gramática, vivendo num meio apaixonado pelo vernáculo e os valores tradicionais, como o Maranhão, não lhe era possível

⁵ Informações com base na pesquisa de Carlos Augusto de Melo (2009, p. 183-193).

realizar algo decisivo; o que apresenta de novo já é bastante, à vista de tantas condições negativas” (Candido, 2000, p. 315). A partir das considerações que tece sobre Sotero dos Reis, Candido chega à conclusão de que ele: “Merece, portanto, mais do que lhe tem sido dado” (Candido, 2000, p. 316).

Procuramos, então, tomar dessa lente para observar especificamente as considerações do autor a respeito de *Eurico*. É no quinto volume de sua obra, recolhido e publicado por seu filho Américo Vespúcio dos Reis dois anos depois de sua morte (1873), que está anotada a “Lição CIII”, “Alexandre Herculano; seu *Eurico, o presbítero*”, iniciada da seguinte forma:

Propondo-me, senhores, apreciar a prosa poetica do Sr. Alexandre Herculano no seu *Eurico*, para dar-vos idéa desta especie nova que muito importa conhecer pelo vulto que tem tomado na litteratura moderna, não vos traçarei antes a biographia deste autor como costume praticar a respeito dos outros, cujas obras analyso; porque tratando-se de um auctor vivo, e cuja vida ainda não foi escripta, os factos desta achão-se, para bem dizer, incompletos (Reis, 1873, p. 333).

Antes de mais nada, pode-se notar alguns aspectos relativos ao gênero da obra. Trata-se de um texto escrito para a leitura em aula, como uma lição propriamente dita. Algo que se mantém tanto na nomenclatura das subdivisões dos capítulos, quanto no uso de vocativos como “senhores”, que revelam a presença de sua audiência de alunos, que o autor/professor evoca de maneira corrente. Foi preservada, portanto, na compilação dos textos para publicação, as marcas iniciais de seu contexto de produção. Ao que se pode acrescentar certos objetivos específicos de cada lição, que não têm como pretensão, e é o caso desta, abarcar todo o conjunto da obra de um autor ou dar um resumo geral de sua leitura. Está clara a inclinação de tratar da escrita de Alexandre Herculano somente por meio da análise de *Eurico*, visto como “prosa poética”, definição de gênero de extrema relevância para compreender-se a proposta de Sotero dos Reis com relação a essa sua análise.

Sotero, apesar de mais à frente citar, sem detalhamentos, outras obras de Herculano, considera que é *Eurico* aquela que mais se adequa ao seu propósito para a lição, ou seja, “apreciar a prosa poetica do Sr. Alexandre Herculano”. Para isso, menciona de forma um tanto imprecisa que o “*Eurico* a que o auctor chama *Chronica-Poêma*, é por seu caracter e

natureza uma verdadeira epopéia em prosa” (Reis, 1873, p. 333-334). Esse é o ponto focal da análise de Sotero dos Reis, que depende de considerar o caráter épico de *Eurico* com base em suas características crônicas, ao tratar da trama, e no tom poético de Herculano, ao tratar do estilo. O que ele faz, portanto, é uma escolha que o próprio autor da obra não foi capaz de fazer por uma definição precisa de sua natureza. Na introdução ao romance o autor coloca: “por isso na minha concepção complexa, cujos limites não sei de antemão assinalar, dei cabida à *crônica-poema, lenda ou o que quer que seja, do presbítero gôdo*” (Herculano, 1972, p. 25, grifo nosso)⁶. A essa menção de enquadrar a obra a um gênero prévio, Herculano propõe a nota que segue:

Sou eu o primeiro que não sei classificar este livro; nem isso me aflige demasiado. Sem ambicionar para ele a qualificação de poema em prosa – que não o é por certo – também vejo, como todos hão de ver, que não é um romance histórico, ao menos conforme o criou o modelo e a desesperação de todos os romancistas, o imortal Scott (Herculano, 1972, p. 25).

O crítico é, portanto, seletivo ao tomar a primeira possibilidade de enquadramento com que o autor vê a obra e ignorar suas reservas a respeito. E com base nessa premissa descreve o estilo empregado por Herculano, “consiste esta especie de prosa em uma prosa mais harmoniosa, ornada e cheia de imagens, do que a prosa commum por mais nobre que seja, em uma prosa em summa que póde até certo ponto substituir o verso em que se escrevem os diversos generos de poêmas” (Reis, 1873, p. 334-335), e compara-o com produções semelhantes em língua francesa e portuguesa para destacar sua originalidade. Mais adiante, reconhece o caráter histórico dessa “fábula complexa” e tece algumas considerações a respeito da presença do “maravilhoso” na obra:

A falta de maravilhoso propriamente dito ou de agentes sobrenaturaes não deve ser attribuido a defeito a este poêma que pertence ao genero histórico, ou antes constitue um genero novo, pois a Chronica-Poêma é um genero novo. Demais contendo o poêma a descrição dos tempos heroicos da peninsula, o maravilhoso ahi se encontra, para bem dizer, semeado por toda a parte (Reis, 1873, p. 335-336).

⁶ Citações da edição de 1972 de *Eurico, o presbítero*, pela editora Cultrix (Herculano, 1972).

Sotero dos Reis advoga na defesa de seu posicionamento em relação à classificação de gênero de *Eurico*. Deixa claro que a ausência do maravilhoso, em si, não é um “defeito” do “poema”, ou seja, em prejuízo de seu caráter épico, uma vez que se trata de um “novo gênero”. Como subtexto dessa afirmação, tem-se o reforço de sua classificação de *Eurico* como uma “epopéia em prosa”, ao modo daquilo que os autores de língua francesa ter-se-iam visto obrigados a fazer, segundo ele, como forma de suprir as carências de sua língua materna, mas tida, porém, na autoria de Herculano, não como um subterfúgio de tal natureza, mas como uma realização estética inovadora, dentro de uma tradição literária em língua portuguesa já rica em produções poéticas líricas e, principalmente, na épica. Pode-se depreender que firmá-la como esse gênero novo, leva a ressaltar e melhor definir seu caráter em dois planos distintos: o do conteúdo, por meio da efabulação histórica (que lhe conferiria o caráter de *crônica*); e o estético, por meio do estilo empregado pelo autor (que lhe definiria como *poema*). Pode-se compreender que a junção dessas duas instâncias da criação artística é o que daria caráter épico a *Eurico*, que estaria perdoado pela falta de aparições e disputas de seres divinos e maravilhosos a conduzir o destino dos homens, próprias do gênero, por tê-las dissolvido e impregnado nos feitos heroicos das personagens: “caracteres bem traçados e sustentados” (Reis, 1873, p. 335).

Conceber essa leitura de *Eurico* com foco em seu caráter épico eleva seu peso e importância não somente para o cenário da literatura contemporânea à produção do *Curso*, mas historicamente em uma visada ao passado que se projeta no futuro, ou retomando a frase do próprio Herculano, “uma intuição quase profética do passado”. Impõe-se sua relevância não somente para a literatura portuguesa, mas para toda a literatura de língua portuguesa, assim como para a memória cultural das nações vinculadas a ela. É possível inferir que está subjacente a seu discurso sobre o romance uma valoração de *Eurico* como obra com efeito constituidor de uma memória cultural que deve ser de caráter “funcional”, cujas características marcantes são, segundo Assmann (2011, p. 147), “referência ao grupo, à seletividade, à vinculação a valores e à orientação ao futuro.”, em contraposição a uma “memória das memórias”, as ciências históricas, “que acolhe em si aquilo que perdeu a relação vital com o presente”, e é designada como “memória cumulativa”.

Para dar complemento a essa proposta de análise, dentro do método adotado para as suas lições e mantendo o caráter de texto didático, Sotero dos Reis passa à leitura de dois capítulos de *Eurico* selecionados estrategicamente para corroborar sua visão da obra, desenvolvida até aqui. O primeiro é o capítulo X, que descreve a batalha entre os exércitos dos godos e dos árabes às margens do Críssus. É também neste capítulo que surge a figura do cavaleiro negro, Eurico encoberto, avançando heroicamente, ou como diria Herculano, em nota ao final do romance, “como o último semideus que combate na terra” (Herculano, 1972, p. 209), a proporcionar cenas de batalhas realmente épicas e de enorme carga dramática, que culminam com a traição dos filhos de Vítiza e do Bispo de Híspalis. Com tal escolha, além de comprovar seu ponto, certamente o professor Sotero dos Reis deveria ser capaz de atrair a atenção de seus alunos para a obra.

A seguir, demonstrando que não havia de toda confiança nessa atração proporcionada pela leitura realizada, passa diretamente ao capítulo de fechamento da obra, o que também dá um caráter de completude a sua análise. Relê novamente um pequeno trecho do capítulo X, que para ele seria de maior impacto estético, para comentar nesse exemplo a primazia da realização artística de Herculano, e repete o movimento com um pequeno trecho do capítulo de conclusão. Não conclui sua análise sem antes chamar a obra de “magnífica epopéa” e sobre ela ainda comenta: “Nos trechos citados, notáveis por sua fôrça e energia, sobressahe principalmente o laconismo do estylo, que o verso sujeito às leis do metro rarissimas vezes rivalisa com a prosa; mas laconismo digno da nobreza e elevação do assumpto, porque não é inteiramente despido de ornato” (Reis, 1873, p. 353). Até mesmo o defeito é apresentado em tom de elogio.

Por fim, parece-nos reveladora a forma como termina essa lição, projetando a próxima etapa de suas aulas: “Tendo vos dado idéa da bella prosa do *Eurico*, ou do que é prosa poetica, será este o último dos meus discursos sobre a Litteratura Portugueza e Brasileira; e passarei nas seguintes prelecções a occupar-me com a Litteratura Biblica, a mais notavel de todas no grandioso e no sublime” (Reis, 1873, p. 354). Ao concluir com um tratamento para a “Litteratura Portugueza e Brasileira” no singular, como uma única manifestação artística, torna ainda mais diáfana a distinção já frágil que propõe entre elas em seu *Curso*, assim como a

maneira de se referir ao texto bíblico⁷ aproxima o autor de uma tradição que o põe ao lado da personagem do livro por ele analisado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os cursos de literatura produzidos pelo Cônego Fernandes Pinheiro e por Sotero dos Reis são um dos primeiros passos decisivos para a constituição de um cânone literário nacional, mesmo que de uma perspectiva pouco nacionalista, em última instância, apesar de sua influência romântica. Propõem um certo espelho, distorcido a seu modo, para o que seria a literatura nacional naquele momento, e o reflexo que ele proporciona é antes o de uma dependência cultural ainda própria de uma colônia.

Retendo-nos a sua análise de *Eurico, o presbítero*, de Alexandre Herculano, é possível perceber o tratamento da obra e do autor como um marco artístico nacional, o que reflete o posicionamento ambíguo dos professores/historiadores quanto à realidade de uma cultura brasileira independente de Portugal. Como produtores de material didático, podem ter gerado ecos que se encontram ainda hoje presentes na estrutura curricular e em livros que se destinam ao “ensino de literatura brasileira”, entremeada pelo olhar à literatura portuguesa, mesmo quando outras literaturas nacionais poderiam ser consideradas mais influentes e relacionadas às produções de autores brasileiros. Não se troca um colonialismo por outro, no entanto.

O que se infere, em suma, a partir da leitura realizada neste estudo, é que, na abordagem à obra de Herculano, pode ser identificada uma notável resistência por parte dos dois autores em conceber uma cisão entre a literatura brasileira e a portuguesa. Algo que pode inclusive ser fruto da própria memória cultural com a qual estão em contato e que também constitui suas identidades. Como contraponto, poderia ser observada a história da literatura brasileira escrita pelo alemão Ferdinand Wolf, que nunca visitou o país, no mesmo período, e que privilegia autores nascidos no Brasil, mesmo antes de sua independência, e consegue identificar uma historicidade da produção literária com um certo caráter de identidade nacional, ainda que ligada à cultura da metrópole, desde antes do

⁷ Sobre a relação de Sotero dos Reis com a literatura bíblica, Candido comenta: “Para ele, como para Garrett, há três tipos de literatura: a clássica, a romântica (definidas exatamente segundo Schlegel) e a bíblica. O interessante é que os considera em sentido estritamente tipológico, não histórico: sucedem-se cronologicamente, mas não se excluem” (Candido, 2000, p. 316).

Romantismo (a luz que é lançada sobre o objeto pode mudar inteiramente a forma como ele é visto).

O que permite aventar que a historiografia literária basilar para a formação de jovens estudantes, tanto no centro quanto na periferia do Brasil na segunda metade do século XIX, é uma produção ainda incapaz de descrever uma cultura literária brasileira independente da portuguesa. O evento traumático da independência político-administrativa ainda repercutia, no âmbito cultural, nesse modo de compor no campo da historiografia literária, de cujo ponto de vista um Brasil literário ainda não existia propriamente.

REFERÊNCIAS

- ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Trad. Paulo Soethe. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.
- ASSMANN, Jan. *Religión y memoria cultural*. Diez estudios. Trad. Marcelo G. Burello e Karen Saban. Buenos Ayres: Lilmod, Libros de la Araucaria, 2008.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 6. ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 2000. v. 2.
- HERCULANO, Alexandre. *Eurico, o presbítero*. São Paulo: Cultrix, 1972.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.
- MELO, Carlos Augusto de. *A formação das histórias literárias no Brasil: as contribuições de Cônego Fernandes Pinheiro (1825-1876), de Ferdinand Wolf (1796-1866) e Sotero dos Reis (1800-1871)*. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.
- PINHEIRO, Joaquim Caetano Fernandes. *Curso elementar de litteratura nacional*. Rio de Janeiro: Livraria B. L. Garnier, 1862.
- RAZZINI, Marcia de Paula Gregório. *O espelho da nação: A Antologia Nacional e o ensino de português e de literatura*. 2000. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.
- REIS, Francisco Sotero dos. *Curso de litteratura portugueza e brasileira*. São Luís: Typ. de B. de Mattos, 1866. v. 1.
- REIS, Francisco Sotero dos. *Curso de litteratura portugueza e brasileira*. São Luís: Typ. de B. de Mattos, 1867. v. 2.

REIS, Francisco Sotero dos. *Curso de litteratura portugueza e brasileira*. São Luís: Typ. de B. de Mattos, 1867. v. 3.

REIS, Francisco Sotero dos. *Curso de litteratura portugueza e brasileira*. São Luís: Typ. de B. de Mattos, 1868. v. 4.

REIS, Francisco Sotero dos. *Curso de litteratura portugueza e brasileira*. São Luís: Typ. do Paiz, 1873. Tomo 5.


SOUZA, Ana A. Arguelho de. "Ensino de Língua e Literatura no Brasil do Século XIX: o Curso Elementar de Literatura Nacional e as Postillas de Rethorica e Poetica utilizados no Imperial Colégio De Pedro II". *Cadernos de História da Educação*, Uberlândia, v. 12, n. 1, p. 15-28, jan./jun. 2013.

WEBER, João Ernesto. Historiografia literária e literatura nacional. In.: SANSEVERINO, Antonio; SIMON, Cátia; ARAÚJO, Homero (Orgs.). *Prestando contas: pesquisa e interlocução em literatura brasileira*. Porto Alegre: Saga-D.C. Luzzatto, 1996.

WOLF, Ferdinand. *O Brasil Literário*. Trad. Jamil Almansur Haddad. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1955.

Recebido em 21 de fevereiro de 2023


Aprovado em 27 de novembro de 2023

Licença: 

Luís Fernando Portela

Doutorando em Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestre em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Graduado em Letras - Habilitação em Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Respectivas Literaturas pela Universidade de Passo Fundo.

Contato: luis.portela05@hotmail.com

: <https://orcid.org/0000-0003-0104-2491>